



Pensando o jornalismo literário: uma breve análise sobre a Coleção UFC de Livros-reportagem¹

Beatriz JUCÁ²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Partindo do conceito de jornalismo literário como narrativa em que são utilizadas técnicas jornalísticas e recursos da literatura para proporcionar visões amplas e mais aprofundadas da realidade, este artigo se propõe a refletir sobre conceito e prática desse termo através da análise dos cinco títulos que compõem a primeira edição da Coleção UFC de Livros-reportagem, publicada em 2011. Para isso, são destacados elementos das obras que possam, na diversidade dos cinco temas reportados, discutir características do livro-reportagem e ainda refletir sobre o processo de produção. Foram analisados os livros *Redondeiros*, *Orgulho Suburbano*, *Histórias Entrelaçadas*, *Airton no Divã* e *Unidos no Roçado*.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; jornalismo literário; livro-reportagem.

Introdução

A busca por uma maior compreensão social dos acontecimentos atrelada à fuga das amarras das redações tradicionais tem feito com que vários repórteres se debruçam sobre conceitos e práticas de jornalismo literário. Nas universidades, têm-se travado cada vez mais debates sobre as intercessões entre as narrativas jornalísticas e literárias, bem como as contribuições que podem ser compartilhadas através do diálogo entre ambas. O formato tem ganhado atenção especial dos estudantes de graduação, que não apenas têm se dedicado a estudar o assunto, mas buscado a experimentação jornalística propiciada pelo gênero nos seus trabalhos de conclusão de curso. O curso de comunicação social da Universidade Federal do Ceará (UFC) aderiu à possibilidade de os graduandos realizassem projetos práticos em 2008, sendo o primeiro livro-

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Recém-graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará-UFC, e-mail: beatrizjuca@gmail.com.



reportagem produzido em 2010. Até o final de 2011, pelo menos dez livros foram escritos por alunos de graduação do curso.

Enquanto busca firmar identidade como gênero jornalístico, o livro-reportagem descortina novo horizonte e revela canal aberto para a experimentação, para a reinvenção do fazer jornalístico. Compreendendo isso, a Universidade Federal do Ceará lançou, em 2011, um novo selo editorial: a Coleção UFC de livros-reportagem. Foram selecionados cinco livros para a primeira edição: *Airton no Divã – várias faces de um boêmio*, de Anamélia Sampaio (2011); *Histórias Entrelaçadas – a Organização dos Estados Americanos contada a partir de seu programa de estágio*, de Ingrid Baquit (2011); *Redondeiros – em pé de guerra pela permanência da pesca artesanal lagosteira*, de Janaína Brás (2011); *Orgulho Suburbano – o futebol em outras linhas*, de Cleisyane Quintino e Lorena Alves (2011) e *Unidos no Roçado – vidas entrelaçadas em saudade e samba*, de Beatriz Jucá. Todos foram produzidos como trabalho de conclusão de curso. O que pretendemos neste trabalho é refletir sobre conceitos, teorias e práticas que cercam o jornalismo literário e o livro-reportagem a partir da análise sobre o processo produtivo e o resultado dos trabalhos listados acima.

Para isso, foram realizadas conversas com as autoras para saber do processo de produção e de como foi articulado o projeto que deu origem às pautas dos livros-reportagem. A leitura dos trabalhos finais também é crucial para compreender como as técnicas utilizadas valorizaram o conteúdo abordado. Neste ensaio, é feita uma revisão de literatura sobre os conceitos de jornalismo literário propostos por Pena (2005) e as teorias sobre livro-reportagem sugeridas por Edvaldo Pereira Lima (1995). A partir dessa contextualização inicial, procura-se destacar algumas características de cada obra da Coleção UFC de Livros-reportagem para auxiliar a discussão sobre o processo produtivo e as possibilidades desses gêneros. A análise das produções procura dialogar com diversos autores e refletir sobre pauta, apuração e narrativa para um jornalismo de imersão que tenha qualidade e também estimule a consciência jornalística responsável e ética tão importante para a compreensão da realidade.

1. Conceito e reflexões sobre jornalismo literário

Compreendendo que o jornalismo literário contempla as narrativas que se utilizam de técnicas de apuração jornalística e de recursos da literatura para trazer à tona uma visão aprofundada da realidade e um texto atrativo ao leitor, podemos dizer que sua



prática contempla fatores como imersão, compromisso com o real, ampla contextualização das informações e texto autoral. Parte das imbricações entre jornalismo e literatura e é construído com pesquisas e entrevistas intensivas. Felipe Pena (2005) propõe um conceito de jornalismo literário ao qual ele chama de estrela de sete pontas por conta de sete características que o autor considera essenciais para a definição do termo:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2005, p.13)

Pena (2005) defende que o jornalista literário desenvolva as técnicas do jornalismo diário para proporcionar uma visão ampla e múltipla da realidade através da utilização de uma pluralidade de fontes e, conseqüentemente, da abordagem de pontos de vista que geralmente ficam escondidos pelas pressões do *deadline*. Para o autor, o conceito de jornalismo literário está ligado, além das características da estrela de sete pontas, a uma questão linguística:

Assim, defino jornalismo literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2005, p.21)

O jornalismo literário é fortemente influenciado por um movimento chamado New Journalism. Desenvolvida nos Estados Unidos a partir da década de 1960, essa tendência buscava revigorar a reportagem norte-americana através de requintes literários. Na reflexão sobre a prática do jornalismo literário atual, merecem destaque quatro recursos básicos do New Journalism: a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos, a apresentação das cenas sob a ótica de diversos personagens e o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens. No entanto, Felipe Pena (2005) pondera que o detalhamento do ambiente e dos



costumes só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos, atribuindo a eles os seus respectivos significados. Eis um dos desafios do jornalista literário.

2. Livro-reportagem: uma extensão do jornalismo e da literatura

O livro-reportagem, veículo que tem dado vazão à uma série de produções em jornalismo literário, é tratado por Edvaldo Pereira Lima (2005) como uma extensão do jornalismo e da literatura. Através da utilização de técnicas de apuração jornalísticas e de recursos textuais literários, o livro-reportagem traz narrativas com qualidade literária, mas preocupadas em retratar o real, examinando o presente, buscando suas raízes e procurando perceber suas consequências futuras. No jornalismo convencional impresso, os dois principais gêneros informativos utilizados são a notícia e a reportagem. Segundo Edvaldo Pereira Lima (1995), “a notícia segue as fórmulas de construção que redundam na simplificação do relato em torno de seus componentes “*o que, quem, quando, como, onde e por quê*” enquanto a reportagem se estabeleceu por volta dos anos de 1920, atrelada ao jornalismo interpretativo, que procura prover a audiência de meios para compreender o seu tempo, as causas e as origens dos fenômenos que presencia, bem como sua consequências no futuro.

No jornalismo interpretativo as linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num circuito mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal, ou menos presente. (LIMA, 1995, p. 25)

A partir do conceito de reportagem como ampliação da notícia, Edvaldo Pereira Lima (2003) chega à conceitualização do livro-reportagem como veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. E acrescenta:

Sob esse raciocínio é fácil compreender que o livro-reportagem, agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. (LIMA, 1995, p. 35)

Lima (1995) distingue o livro-reportagem de outras publicações editoriais, apontando três fatores essenciais: o conteúdo, pois corresponde ao real; o tratamento, com relação à linguagem eminentemente jornalística; e a função, ressaltando o objetivo fundamental que o livro-reportagem tem de informar, orientar e explicar. O livro-



reportagem pressupõe aprofundamento da pauta, que pode se dar de forma horizontal, quando o leitor é brindado com dados e informações que ampliam conhecimento sobre o tema, e pode ser vertical, quando existe uma análise multiangular de causas e consequências, de repercussões e de efeitos.

A função aparente de informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias, e figuras humanas [do livro-reportagem], de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. Esta função aparente, ou declarada, pode se manifestar em diferentes níveis e em dois sentidos. De tal modo que a profundidade pode se dar horizontalmente – sentido extensivo –, verticalmente – sentido intensivo – ou numa mescla de ambos. (LIMA, 1995, p. 25)

Lima (1995) critica a superficialidade de uma prática jornalística apressada e pressionada pelo *deadline* das redações. Ele estuda, então, as possibilidades de se exercer um jornalismo preocupado em captar o real de forma ética, mas ultrapassando o jornalismo cotidiano e permeando, assim, a explicação dos detalhes e o aprofundamento reflexivo sobre o tema. O autor discorre sobre como as técnicas literárias aguçam o registro das emoções e percepções num processo de humanização do jornalismo e estimula que os jornalistas se deixem também guiar pela criatividade.

A principal proposta de classificação dos diversos tipos de livro-reportagem por Edvaldo Pereira Lima (1995) leva em consideração a linha temática e os modelos de tratamento narrativo. Dessa forma, o autor cria 13 grupos diferentes de classificação: livro-reportagem-retrato (visa elucidar mecanismos de funcionamento, problemas e complexidade do objeto), livro-reportagem-ambiente (vincula-se às causas ecológicas e auxilia na conscientização da importância da harmonia entre homem e natureza), livro-reportagem-atualidade (trata temas atuais de maior perenidade no tempo), livro-reportagem-antologia (reúne reportagens agrupadas sob variados critérios), livro-reportagem-denúncia (apresenta propósito investigativo), livro-reportagem-ensaio (evidencia opiniões do autor sobre o tema na tentativa de convencer o leitor), livro-reportagem-viagem (viagem serve de pretexto para retratar quadro sociológico, histórico e humano de um local), livro-reportagem-perfil (procura evidenciar lado humano de uma personalidade), livro-reportagem-história (focaliza temas do passado), livro-reportagem-nova-consciência (trata temas de novas correntes comportamentais, econômicas, culturais e sociais que surgem no mundo), livro-reportagem-depoimento (reconstitui um acontecimento importante), livro-reportagem-ciência (tem o propósito



de divulgação científica) e livro-reportagem-instantâneo (debruça-se sobre um fato recém-concluído).

3. Pauta e produção do livro-reportagem: analisando a Coleção UFC

As etapas de apuração e produção de um livro-reportagem são basicamente as mesmas das notícias e reportagens dos grandes jornais: pauta, captação, redação e edição. Historicamente, a pauta generalizou-se nos jornais diários brasileiros na década de 1950, como aponta Nilson Lage (2001). De acordo com o autor, o termo *pauta* se aplica a duas coisas: o planejamento de uma edição ou parte dela e a cada um dos itens desse planejamento, quando atribuído a um repórter. Para ele, a pauta tem os objetivos de planejar a edição, garantir a interpretação dos eventos de forma menos imediata, diminuir os esforços em atividades improdutivas e viabilizar pesquisa prévia para ampliar a cobertura.

O êxito de uma pauta depende essencialmente de quem a executa. O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir de dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidas. (LAGE, 2001, p. 35)

Eduardo Belo (2006) defende que a pauta do livro-reportagem nasce da leitura, de informações apuradas na rua ou de observação empírica e que ela pressupõe mais detalhamento. No entanto, o autor faz uma ressalva de que a pauta não deve ser limitadora e rígida, mas encarada como uma espécie de guia.

Em um livro-reportagem, transformar a ideia inicial em um plano de trabalho constitui o primeiro passo. É recomendável que a pauta traga uma previsão de como o tema será abordado, e de que ângulo. Também convém deixar mais ou menos estabelecido, desde o início, qual o tamanho provável da obra e como ela será subdividida. Nesse sentido, a pauta pode funcionar como uma espécie de argumento, com o resumo dos caminhos que se pretende percorrer com a reportagem e sua concepção final. (BELO, 2006, p. 78)

O processo de produção dos cinco livros publicados na primeira edição da Coleção UFC de Livros-reportagem - cujos títulos são *Redondeiros*, *Orgulho Suburbano*, *Histórias Entrelaçadas*, *Airton no Divã* e *Unidos no Roçado* - foi fundamentado em um projeto contendo detalhes da pauta, uma exigência da própria Universidade Federal do Ceará para a disciplina de Projeto Experimental I, obrigatória para a realização do trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social. Durante a



apuração, nem todo o planejamento desse projeto é seguido. A pauta se modifica, deixa-se levar a partir da investigação dos acontecimentos, mas é essencial para a pesquisa de campo e para a captação das informações. Sua estrutura, no caso da Coleção UFC, contempla aspectos como pesquisas documentais, reflexões interdisciplinares, indicação de fontes, roteiro para as entrevistas e cronograma. Já as principais técnicas de apuração aplicadas são entrevistas de compreensão, pesquisa interdisciplinar e observação participante. A partir do conhecimento desses fatores gerais que norteiam a produção do livro-reportagem, faremos uma breve análise sobre cada uma das obras publicadas na primeira edição da Coleção UFC na tentativa de exemplificar as categorias e refletir sobre alguns aspectos inerentes ao processo produtivo em jornalismo literário.

Airton no Divã – várias faces de um boêmio é um livro-reportagem que pode ser enquadrado na categoria perfil e busca, além de retratar o lado humano do psiquiatra e cronista cearense Airton Monte, revelar os meandros em que as experiências na vida do personagem influenciaram sua produção literária. O escritor Airton Monte é cronista, e sua obra se destaca pela boemia e sensibilidade com as quais retrata a cidade de Fortaleza. A autora Anamélia Sampaio (2011) procura dar conta dos contextos que norteiam a produção literária de Airton Monte ao mesmo tempo em que narra cenas e descreve situações marcantes vividas pelo seu personagem. Dessa forma, Sampaio (2011) divide *Airton no Divã* em quatro capítulos, e cada um deles aborda um aspecto da vida do seu perfilado: o envolvimento com a literatura ainda durante a infância, a fase adulta que contempla a escolha dele pela medicina e o casamento, a boemia e a vida na cena literária cearense e, por último, as características psicológicas do personagem.

Sérgio Vilas Boas (2003), autor que tem se dedicado a estudar essa categoria, afirma que os perfis, diferentemente das biografias, podem focar apenas alguns momentos da vida da pessoa, não sendo obrigados a dar conta de toda a trajetória do personagem. Ao explicar que os processos de criação são multidimensionais e combinam cinco elementos fundamentais ao trabalho autoral – memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos –, Vilas Boas (2003) considera que os perfis cumprem o papel de gerar empatia, de gerar uma preocupação ao repórter com a experiência do outro. Nesse sentido, o envolvimento é essencial porque os perfis só podem realmente elucidar, indagar e apreciar a vida no instante em que é sentida a



expressão humana. No entanto, é preciso fazer uma ressalva no sentido de o repórter dosar esse envolvimento, evitando que idealize o seu personagem.

[Os perfis] São mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós. A meu ver, é o que se pode realmente conservar na memória. O restante empalidece com o tempo, ou adquire aquele tom desbotado típico das fotografias muito antigas (VILAS BOAS, 2003, p. 20)

O trabalho de Sampaio (2011) faz uma abordagem psicológica do escritor Airton Monte na tentativa de mostrar várias facetas do personagem ao mesmo tempo em que desvela a importância do escritor na cena literária cearense. Busca, através de traços de subjetividade que permeiam a narrativa, ainda que de forma discreta, chamar a atenção do leitor, utilizando recursos da literatura. Para isso, se vale da reportagem, mas também da crônica e da ilustração para passear por cenários e episódios construídos a partir de pesquisa documental, de observação participante e de entrevistas com o personagem e também com seus familiares e amigos. Sampaio (2011) se utiliza ainda de uma técnica de entrevista diferenciada, baseada no método psicanalítico de Freud e que, segundo Laplanche e Pontalis (1998), pode ser compreendida por:

Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado do inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres. (LAPLANCHE & PONTALIS apud CORDIOLI, 1998, p. 138)

Estrutura textual semelhante à de *Airton no Divã*, com traços subjetivos e interpretações pessoais, é desenvolvida em *Histórias Entrelaçadas – a Organização dos Estados Americanos (OEA) contada a partir de seu programa de estágio*. O destaque aqui é para o fato de que a autora Ingrid Baquit (2011) é também fonte de sua grande reportagem. A obra, que se enquadra nas categorias livro-reportagem viagem e depoimento, relata histórias a partir da experiência da autora na OEA e também de entrevistas de outros participantes do programa de estágio da instituição. Baquit (2011) busca reconstituir acontecimentos relevantes, através de sua visão como testemunha privilegiada e de uma narrativa com descrições sóbrias do ambiente. Segundo a própria autora, a proposta inicial era elaborar um livro sobre como um organismo internacional que trabalha com quatro línguas oficiais e atende países de variadas culturas consegue alterar vidas de jovens. Dessa forma, é feita uma análise de como o estágio se relaciona



com a cultura e a identificação de um povo, levando-se em conta também so amadurecimento do individuo.

No trabalho de Baquit (2011), o livro-reportagem se configura também como uma espécie de guia para quem deseja estagiar na OEA ou simplesmente se aventurar em um intercâmbio ao exterior. Para isso, apresenta algumas reflexões sobre jornalismo internacional com o intuito de ambientar os contextos da OEA; traz um histórico e informações sobre o funcionamento e as experiências dentro da instituição; e foca nas experiências da autora que vão desde os processos de seleção para o programa de estágio até o cotidiano e as adaptações no país estrangeiro, no caso, os Estados Unidos. A linguagem, ora em terceira pessoa ora em primeira, passeia por diversos discursos, mas encontra maior vazão nas palavras da autora, que consegue informar melhor sobre o tema a partir de sua própria experiência.

O livro-reportagem *Redondeiros – em pé de guerra pela permanência da pesca artesanal lagosteira* se destaca pelo estilo textual impresso pela autora Janaína Brás (2011). Aposta em uma narrativa mais fragmentada, de maneira que pelo menos duas linhas de contação da história são desenvolvidas de forma paralela: uma tratando propriamente sobre a guerra da Lagosta na praia de Redonda, localizada no município cearense de Icapuí, e uma outra com um mapa numerológico e afetivo do local, que apresenta traços descritivos dos personagens e contextualização histórica dos episódios reportados. Essa característica observada na obra de Brás (2011) está relacionada à fruição do texto, um dos três procedimentos de extensão apontados por Lima (1995) para a produção em livro-reportagem. Além desse, o autor pontua a extensão pela pauta e a complementação pela apuração. Com esses três procedimentos de extensão, Edvaldo Pereira Lima esmiúça as relações entre jornalismo e literatura, colocando o livro-reportagem como extensão dos dois conceitos e não subordinando um como gênero do outro. O jornalismo deve apenas aproveitar elementos da literatura e adaptá-los ao seu objetivo de informar a verdade. Nesse sentido, Brás (2011) foge da amarras estruturais do jornalismo diário e oferece o seu modo de escrever. Senão observemos o estilo textual do conto que encerra o livro:

Em volta de onde vive Homem é matagal ermo. A casa é de alvenaria e muito miúda, com porta de madeira e chão de terra. O mato ao redor fecha a vista dele para o mundo. Quando o primeiro zunido da pedra lhe soava aos ouvidos, o pescador corria assustado pelas terras sem fim. Fugia da Polícia. Mas não havia de que fugir. Marcando o céu azul feito detalhe, uma antena muito distante dali. O vício mirava o objeto pontiagudo e fazia carreira. A alucinação lhe dizia: *Vá se*



proteger debaixo da antena. Ele obedecia. No meio do caminho, a paranóia serenava. Ele tornava para casa, fungava outra lata, e a história se repetia. Todo o dinheiro ganho no dia pelo trabalho do mar ia embora nesses destemperos incongruentes. Porque nasceu para o mar, o dinheiro gasto com droga vinha do próprio bolso. (BRÁS, 2011, p. 35)

Criticando a linguagem do jornalismo cotidiano, Lima (1995) aponta que a saída para a renovação estilística do jornalismo transita pela aproximação às formas narrativas das artes. Para ele, o texto deve fluir com naturalidade e, ao mesmo tempo, ter ritmo, que se altera de vez em quando para combater a dispersão. Isso pode ser feito, por exemplo, através da colocação inesperada de dados novos ou da reordenação criativa de dados conhecidos. O autor enumera, assim, técnicas narrativas como descrição, exposição, funções de linguagem, técnicas de angulação, ponto de vista e técnicas de edição. Todas utilizadas por Brás (2011), que, além de um texto subjetivo e poético que passeia por poesia, crônica e reportagem, revela mudança no foco dos escritos, algumas vezes em primeira pessoa e outras em terceira.

No livro-reportagem *Orgulho Suburbano – o futebol em outras linhas*, as autoras Cleisyane Quintino e Lorena Alves (2011) articulam conteúdos de forma multidimensional para reportar o futebol suburbano para além do jogo. Rompem com o meramente factual na tentativa de abrir as cortinas do esporte do subúrbio e de desnudar os contextos políticos e sociais que o permeiam. Desse universo, emergem personagens, cenas e causos interessantes, mas principalmente se destaca a abordagem do futebol como elo para as famílias da periferia, a discussão sobre o papel do esporte nas relações sociais e o questionamento sobre o espaço que o futebol suburbano encontra nas políticas públicas. A interdisciplinaridade, através da apresentação também de estudiosos de áreas ligadas ao tema reportado, é utilizada na obra como meio para maior compreensão das múltiplas facetas que envolvem o tema. Além do simples dever de apresentar dados, descrições e episódios, *Orgulho Suburbano* demonstra uma preocupação sobre a busca pela compreensão social do tema que aborda. Dessa forma, esse livro-reportagem encaixa-se em três categorias: atualidade, história e retrato. Isso porque a proposta da obra é trazer à tona um tema atual, percorrendo seus traços históricos para traçar um retrato da realidade do subúrbio de Fortaleza e dos atores do futebol amador, incluindo jogadores e entusiastas.

Lima (1995) destaca que a reportagem em profundidade exige bom trabalho de documentação, de captação de informação e de interpretação de significados. O autor



aponta várias técnicas e, citando Dulcília Buitoni, destaca a autobiografia, as entrevistas biográficas, a fonte complementar de pesquisa através das histórias de vida dos personagens e o suporte de pesquisa pela rede de relações sociais. O resultado dessa complementação de captação, segundo ele, é uma visão multiangular de personagens, de seu comportamento, de seus problemas e suas realidades. Trata-se de uma tentativa de compreensão dos seres humanos envolvidos no tema. “Há que investir na percepção do real/imaginário tal como ele se manifesta no modo de ser e no modo de dizer de um entrevistado, mas não se pode omitir o real/imaginário do próprio repórter”, complementa Lima (1995).

Agora, a questão é abrir os olhos para a visão mais completa da realidade e propor ao leitor, através da reportagem, uma leitura abrangente dos acontecimentos, das situações e dos personagens, imersos num universo complexo onde o real concreto e o imaginário – este talvez apenas um real menos denso e mais sutil do que aquele, pelo menos no nível simbólico – interpenetram-se, combinam-se. (LIMA, 1995, p. 25)

Não se trata, portanto, de optar pela subjetividade do repórter em detrimento da objetividade, mas usar elementos subjetivos e a máxima fidelidade possível na compreensão total da realidade com o intuito de enriquecer a pesquisa. Assumir a relatividade de qualquer visão e também a busca por essa fidelidade citada é o novo desafio do jornalismo. Para concluir, a visão multidimensional na captação percorre uma nova potencialidade jornalística: a missão do livro-reportagem de “cravar um círculo mais largo, profundo, na leitura cativante e complexa da realidade que é o mundo contemporâneo”. (LIMA, 1995, p. 104)

Em *Orgulho Suburbano*, Quintino e Alves (2011) não abrem mão de certos traços da objetividade jornalística, mas criam um espaço dedicado à interpretação subjetiva das próprias autoras. Uma sessão intitulada *Conversas de Vestiário* está presente ao final dos quatro capítulos da obra e traz, além de histórias de bastidores, sentimentos e percepções das repórteres durante a apuração e a produção da reportagem. Ao final do livro, duas crônicas se valem da subjetividade para exprimir a visão de cada autora sobre momentos marcantes que viveram durante a captação das informações, ferramenta importante para a compreensão da obra.

4. Reflexões a partir da experiência prática

A discussão sobre *Unidos no Roçado – vidas entrelaçadas em saudade e samba* merece um tópico diferenciado para ganhar outro tipo de estudo. Em função de dividir a



autoria deste livro-reportagem e também deste artigo, proponho um debate mais relacionado à prática do que ao produto final, trazendo à tona os elementos sobre os quais refleti durante a experiência de apuração e escrita em jornalismo literário. O livro tem o objetivo de perfilar a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro (Esurd), criada em 1963 por uma comunidade de agricultores do município de Várzea Alegre, interior do Ceará, para vencer uma autoestima podada pela seca e modificar o status social. Hoje, emerge das imbricações entre as culturas popular e massiva, com tensões amenizadas, para sobreviver ao tempo. *Unidos no Roçado* é um relato jornalístico preocupado em captar as realidades e os contextos que envolvem a comunidade do Roçado de Dentro. Os capítulos estão divididos levando-se em conta os momentos históricos cruciais para o desenvolvimento da Esurd e as questões cotidianas que a contextualizam. O livro traz a tona as mais variadas nuances da comunidade através de entrevistas, reportagens, crônicas, depoimentos, perfis e fotografias. O olhar impresso na obra passeia por cenários, personagens, cenas, reflexões, pesquisas e memórias. Procura destacar, além dos contextos exteriores, as realidades interiores das fontes.

Inicialmente, a proposta de *Unidos no Roçado* era abordar a trajetória da Esurd e analisar a influência dos meios de comunicação de massa em seu processo de transformação na expressão cultural, além de resgatar costumes, crenças, valores e histórias de vida da comunidade, indispensáveis para entender a tradição passada de pais para filhos. Foram dois anos de pesquisa, mais de trinta horas de entrevistas gravadas e estudos sobre diversos temas circunscritos ao objeto, inclusive leituras de pensadores dos estudos culturais. Ao final de tudo isso, ainda sentia lacunas para iniciar o processo de escrita dos oito capítulos previstos para o livro. Decidi, então, passar uma semana no sítio Roçado de Dentro e tentar compreender o dia-a-dia dos meus entrevistados. A experiência me ajudou a significar os depoimentos de minhas fontes, mas também me abriu os olhos para a vida e para o fazer jornalístico. O leitor não deve apenas saber sobre o tema, mas sentir o seu universo. A experiência pessoal do repórter viável pelo método etnográfico, no qual o pesquisador se insere e vivencia o seu objeto estudo, pode dar considerável contribuição para a compreensão contextual da realidade, uma das bases do livro-reportagem. Compartilhar experiências durante a pesquisa de campo é importante para que o jornalista literário consiga ir além da exposição de fatos e colocar estilo, interpretação e sensibilidade na reportagem, captando o que chamo de *filosofias das pessoas*, mas que são na verdade as formas como as fontes ressignificam



os acontecimentos e buscam compreender suas relações em comunidade. Nesse sentido, o jornalismo pode dar uma importante contribuição social à medida que estimula uma reflexão relacionada tanto à memória coletiva quanto aos desdobramentos da própria vida em sociedade.

O processo de apuração e escrita de *Unidos no Roçado* trouxe a tona uma série de características para a discussão do jornalismo literário, jornalismo narrativo ou literatura de não-ficção – três nomenclaturas que tratam da produção através do diálogo entre jornalismo e literatura. A grande reportagem, essência do jornalismo, é um encontro entre o repórter e a fonte. A relação predispõe de cumplicidade porque, ao repórter, a fonte entrega a responsabilidade de traduzir gestos, histórias, sentidos, contextos. Compreendendo a minha responsabilidade e o meu papel como jornalista, a primeira preocupação que me bateu à mente quando resolvi morar uma semana no Roçado de Dentro para conhecer internamente a comunidade foi sobre a melhor forma para conduzir a relação com minhas fontes. Como penetrar na vida das pessoas sem feri-las? Como controlar o cuidado para não prejudicar a apuração e, conseqüentemente, o retrato dessas pessoas? Até que ponto o envolvimento do repórter é saudável?

A reflexão ética é fundamental na reportagem de imersão, quando os limites podem parecer confusos diante do envolvimento com a pauta. Procurei então responder a cada uma dessas perguntas mentalmente. Acabei fugindo da neutralidade porque não acredito que ela seja a verve do Jornalismo. Nós, repórteres, devemos sim perseguir a verdade e a objetividade, mesmo sabendo que ambas são inalcançáveis. Devemos buscá-las por uma questão ética e em respeito à pluralidade complexa que envolve a realidade. O que não podemos é olhar o mundo de fora, quando fazemos parte dele e sabemos que, dentro de nós, ele reverbera de sentido. Ao leitor, devemos honestidade sempre. Feitas essas considerações, é preciso ao jornalismo a ousadia para se reinventar. O bom jornalismo pode – e deve – emergir nas informações reveladas pelo envolvimento do repórter com a pauta, saindo da pseudo-objetividade vendida pela distância da fonte, pela teoria do não se emocionar, afinal a realidade interior das pessoas e a forma como significam os acontecimentos são engrandecedoras da reportagem. A imaginação e a produção de sentido ajudam a juntar os pedaços das histórias, a compreender com profundidade a vida. Cabe ao repórter enfiar os pés na pauta. Viver o jornalismo.



Considerações finais

O livro-reportagem, conforme bem coloca Lima (1995), amplia a função social de informar e orientar do jornalismo cotidiano, elucidando o sentido e a direção dos eventos e auxiliando o homem moderno no acompanhamento das grandes questões de seu tempo. Procurei, ao longo deste artigo, fazer uma breve análise dos livros-reportagem publicados na primeira edição da Coleção UFC, destacando algumas características observadas em cada um deles que pudessem auxiliar a reflexão sobre a prática do jornalismo em profundidade, aquele que, mais do que informar, tem a função de compreender os acontecimentos.

Os títulos analisados neste ensaio passeiam por questões importantes ligadas às inbricações entre jornalismo e literatura e ainda sugerem técnicas de apuração e de narração que buscam trazer inovações às grandes reportagens. Trata-se, por exemplo, da observação participante antropológica atrelada ao jornalismo, da utilização de ilustrações e outras imagens para informar elementos que talvez não coubessem em palavras e do emprego de técnicas da psicologia às entrevistas para revelar traços da personalidade das fontes. Além disso, as autoras fazem questão de não desprezar um fator que não tem muito espaço na imprensa tradicional, mas que tem enriquecido as reportagens de imersão: a intuição do repórter, a qual Lima (1995) conceitua como jornalismo holístico.

A emoção e a razão, a lógica e a intuição fazem parte de um mesmo homem, que não é estanque em compartimentos, mas uno, pertencem a um mesmo propósito onde todas essas esferas se devem integrar, harmônicas. Esse propósito será o do livro-reportagem: comunicar não mais fragmentariamente, como ainda fazemos, mas sim por inteiro, total. Holisticamente. (LIMA, 1995, p. 266)

Ao analisar a Coleção UFC de Livros-reportagem, pude, além de discutir técnicas e possibilidades para a prática da reportagem de imersão, compreender a importância desse gênero para analisar aspectos da sociedade. Acredito que o jornalismo atual necessita de aprofundamento, de contextualização. Precisa abranger os marco e os microacontecimentos para dar conta do todo, para compreendermos não só os fatores que circundam os acontecimentos, mas o nosso lugar no mundo.



REFERÊNCIAS

APLANCHE & PONTALIS *apud* CORDIOLI, *Aristides Volpato (org.)*. **Psicoterapias: abordagens atuais**. Porto Alegre: Artes Médias Sul Ltda. 1998.

BAQUIT, Ingrid. **Histórias entrelaçadas – a Organização dos Estados Americanos contada pelo seu programa de estágio**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BRÁS, Janaína. **Redondeiros: em pé de guerra pela permanência da pesca artesanal lagosteira**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo, Summus, 2003.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1995.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

QUINTINO, Cleisyane e ALVES, Lorena. **Orgulho Suburbano: o futebol em outras linhas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SAMPAIO, Anamélia. **Aírton no Divã – várias faces de um boêmio**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.